

ASPECTOS DA VARIAÇÃO FONOLÓGICA NO RIO DE JANEIRO
PROCESSOS DE REDUÇÃO DE TRAVAMENTO SILÁBICO

Sebastião J. Votre

Faz sentido procurar, nos achados do Sociolinguística, pontos de referência para a reflexão pedagógica. É nesta linha que se desenvolvem, por exemplo, algumas tentativas de redefinição dos objetivos da aprendizagem da escrita por alfabetizando infantis e novas abordagens do ensino de língua estrangeira. O suporte comum a todas as tentativas é a idéia de que se deve partir da fala real de uma comunidade, em suas múltiplas manifestações, se se quiser desenvolver algum tipo de atividade pedagógica centrada na linguagem, nessa comunidade; como destacou Shuy (1968), o linguista pode oferecer aos pedagogos dados confiáveis, sobre os quais se possa trabalhar, evitando-se, desse modo, os palpites e as interferências anedóticas sobre a fala da comunidade linguística. Uma comparação recente (Votre et alii, 1979)¹ entre o discurso da comunidade infantil do município do Rio de Janeiro e o que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro propunha como textos acessíveis às crianças que concluíam a primeira série do 1º grau mostrou discrepâncias significativas no nível do léxico. Como o léxico se compõe de unidades discretas, é mais palpável a discrepância do que a que se verifica, por exemplo, no campo da fonologia.

O objetivo deste trabalho é oferecer algumas evidências da variação fonológica na fala dos adultos da comunidade linguística do Rio de Janeiro. O objeto da análise é a tendência à supressão dos segmentos travadores de sílabas: -r, como em amor, João, melhor;
-r-, como em Bernardete, cerveja;
-m, como em viagem, fizeram, dizem;
i, u, como em queijo, couve.

Por conseguinte, nos quatro temas em estudo, a supressão do segmento travador resulta numa sílaba aberta, de estrutura CV.

Partindo do pressuposto de que as regras fonológicas são as mesmas para toda a comunidade de fala, propomo-nos concretamente medir o grau de variação no uso dessas regras em função de fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando a probabilidade de sua operação.

Como suporte teórico é a Teoria da Variação, nos termos em que ela se formulou com Labov (1969, 1972, 1973, 1977). A teoria ganhou uma coesão e poder explicativo com Cedergren (1973) e, especialmente, com Sankoff (1975, 1976, 1978). Hoje ela vem sendo aplicada aos problemas de análise de aspectos da fala do Rio de Janeiro por Lemie (1976), Netto (1976)

(1978), Votre (1978). Parte-se de uma hipótese de uma competência linguística probabilística, e de uma performance variável, (e não categórica) como reflexo estatístico dessa competência. Enquanto os estudos clássicos sobre Dialetoleologia Social partiam do pressuposto de que as regras eram categóricas (regras que sempre se aplicam ou nunca se aplicam), optamos por partir do pressuposto de que, em sua absoluta maioria, as regras são precisamente variáveis, i. é., aplicam-se mais ou menos. Assim, uma medida objetiva e de leitura direta da discrepância entre dois subgrupos de uma comunidade linguística seria dada pela taxa de aplicação de uma regra variável: se os universitários preservarem a vibrante final de vocábulos com uma probabilidade de '80, e os alfabetizando apresentarem '20 de preservação da vibrante, estamos diante de um fato de diferenciação dos grupos em termos da probabilidade de aplicação da regra. Esta probabilidade não é um fato marginal, e sim um reflexo real da configuração da regra na competência dos falantes.

É nesse contexto de competência probabilística e de regras variáveis que se delinea um espaço privilegiado para o que fazer pedagógico, preocupado em favorecer a aquisição de códigos linguísticos privilegiados a parcelas expressivas da população brasileira e em propiciar o domínio mais rápido e seguro possíveis das características que diferenciam e aproximam os códigos conflitantes.

Entre os aspectos característicos da Regra Variável destacamos os seguintes:

- (1) a regra variável traz consigo uma indicação sobre as condições de seu uso; esta indicação pode ser importante em termos pedagógicos, quando se quer identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso e no não-uso da regra, e qual é a probabilidade de esses fatores se manifestarem;
- (2) permite-se postular não apenas o que está variando, mas, também, em que nível da Gramática o fenômeno aparece primeiro, e o que é que está controlando sua manifestação;
- (3) além de propiciar um trabalho com dados mais regulares e sistemáticos, evita-se autodescrição, por fugir à metodologia gerativa, que consiste em imaginar numa comunidade homogênea um falante-ouvinte ideal (geralmente o próprio linguista), que conheça perfeitamente a língua dessa comunidade.

O cálculo da variação nada mais é do que uma medida do efeito de cada contexto para a aplicação da regra. Esse cálculo pressupõe o acesso direto às comunidades de fala.

Em vez de trabalhar com dados categóricos, é procura das relações invariantes, trabalha-se com dados variáveis (o "lixo" da linguística gerativa clássica), procurando-se estudar a variação que possa ter alguma consistência social. Para serem selecionados, os itens

variáveis devem ter algumas características:

- (a) devem apresentar uma frequência razoável (isto é, se a variação for ínfima: 98% de preservação ou de supressão de determinada característica, é mais difícil confiar na hierarquia dos fatores responsáveis pela variação);
- (b) o item não deve estar sujeito a controle consciente por parte do falante;
- (c) o item deve integrar estruturas variáveis;
- (d) o item deve ser qualificável.

Os aspectos da fala do Rio de Janeiro, analisados a seguir, atendem às exigências acima. Todos os quatro itens fonológicos são inconscientes na fala espontânea; além disso, eles apresentam uma característica fonológica comum em termos da estrutura silábica: pois tanto no caso da supressão de -r, -r̄, -r̄, -r̄, como no caso da redução de ditongos decrescentes, estamos na presença de perda de travamento silábico, isto é, da passagem de sílaba fechada à sílaba aberta. O corpus de vibrantes e nasais é parte do corpus de Competências Básicas do Português, de Lenle & Naro.

A metodologia de análise é a mesma nos quatro estudos: coleta dos dados, codificação e perfuração dos dados em cartões, processamento eletrônico, através de dois programas específicos: SWAMINCU, escrito em SNOBOL, por Anthony J. Naro (1974), e VASSELUL escrito em FORTRAN, por David Sankoff².

Uma vez que os estudos clássicos sobre variação na fala espontânea de várias regiões do Brasil apontaram tendências fortes de supressão de -r e de -r̄, bem como de reduções dos ditongos decrescentes, e desde que comprovamos os processos em alfabetizandos e universitários, partimos da hipótese de que estamos em presença de regras variáveis, de incidência relativamente remota no tempo, inconscientes e quantificáveis³.

A preservação da vibrante final

O database consiste de 54 horas de gravação da fala espontânea de 9 alfabetizandos (8 homens e 1 mulher) de onde se extraíram 14.305 vocábulos termináveis por -r; 4 universitários (2 homens e 2 mulheres, com 3.332 vocábulos) constituíram o grupo de controle.

Após testarmos várias hipóteses relativas ao possível efeito preservador da vibrante final, chegamos à conclusão de que os fatores mais poderosos são a classe morfológica dos itens vocabulares e o contexto fonológico seguinte. As variáveis extralingüísticas sexo e idade mostraram-se destituídas de poder condicionante. A variável escolaridade, composta, uma espécie de síntese de outras variáveis não não-emergentes, mostrou-se representativa.

O quadro global é o seguinte:

Informantes	Frequência	Porcentagem	Input
Alfabetizandos	1782/14305	12.5%	.09
Universitários	905/3332	27.2%	.24

A distribuição das probabilidades e porcentagens pelas diversas variáveis é a seguinte:

VARIÁVEIS	ALFABETIZANDOS	UNIVERSITÁRIOS	EXEMPLO		
Variável Morfológica	Percent.	Prob.	Percent.	Prob.	
Nome (subst. adj.)	48.8%	.84	75.0%	.86	mar
Verbo Substantivo	12.9%	.39	17.3%	.30	vier
Verbo Infinitivo	6.0%	.23	16.0%	.28	dar
Variável ContextoSeguinte					
Consoante/Pausa	14.8%	.63	27.2%	.58	mar
Vogal	6.5%	.37	26.8%	.42	mar azul
Consoante [+Alta]	14.4%	.62	24.6%	.55	mar chato
Consoante [-Alta]	10.2%	.38	26.1%	.45	mar puro
Consoante [-Retraída]	11.2%	.56	27.6%	.58	mar leve
Consoante [+Retraída]	14.2%	.44	24.2%	.42	mar quente
Variável Sexo					
[+Macho]	12.5%	.50	31.2%	.53	
[-Macho]	12.5%	.50	23.1%	.47	
Variável Escolaridade	12.5%	.36	27.2%	.63	
Variável Idade					
[+Velho]	11.6%	.47	
[-Velho]	14.5%	.53	

Comecemos pela distribuição da probabilidade de preservação de -r, condicionado aos fatores da Classe Morfológica. Os nomes (amor, dor, melhor, pior) estão associados a .84 de preservabilidade; subjuntivos (do radical do perfectum: vier, quiser, puser for) apresentam a probabilidade .39; e infinitivos (andar, amar, viver, calcular) apresentam apenas .23 de probabilidade de retenção de -r.

Enquanto nos nomes (substantivos e adjetivos) a probabilidade de se encontrarem unidades monomorfêmicas (do tipo lar, patamar, maior) é maior do que a de aparecerem entidades em que a vibrante seja a marca mórfica (do tipo escolar, professor), nas duas subclasses de verbos a vibrante desempenha função mórfica específica. Por outro lado, nos verbos temos a situação seguinte: a tendência à supressão é quase categórica quando a vibrante é marca redundante,

não apenas no nível léxico, mas também no nível da sentença, isto é, nos casos de infinito, em que a característica infinitiva é previsível, em expressões do tipo: quero jogá(r) ; vou sai(r). Já nos casos de subjuntivo, a taxa de previsibilidade e redundância é menos alta, pois podemos ter: quando eu venho, quando eu viesse, quando eu vier. Nestes casos parece natural que a tendência à supressão da vibrante final seja menos acentuada. Logo, nos casos dos verbos estamos confirmando a tendência de as formas morfológicamente plenas serem menos suscetíveis à supressão do que as formas morfológicamente vazias. A variável morfológica é a mais poderosa, com resultados mais polarizados e consistentes.

Outra hipótese que nos parecia digna de teste era a dos elementos do contexto fonológico seguinte interferirem na preservação da vibrante final. A voz corrente era a de que vogais no contexto seguinte favoreciam a presença da vibrante final, por um processo aparentemente óbvio de reorganização da estrutura silábica dos elementos contíguos: a vibrante final, do segmento pós-vocálico da palavra seguinte, transformando-se em sílaba, por conseguinte, de fechada em aberta: pular#o carnaval; pulã#rocarnaval

Os resultados mostraram consoante muito próxima à pausa, em oposição à vogal. O surpreendente, porém, está no fato de a dupla consoante-pausa favorecerem a manifestação de -r, enquanto vogal a desfavorece. Quebra-se, portanto, uma crença, e surge nova evidência para o fato nem sempre muito óbvio: a proximidade em termos de traços, entre consoante e pausa (ob serve-se à semelhança de algumas consoantes "puras", pausa é [-Sonoro] , [-Sonorante], [-Estridente] , [-Vogal] e [+Nasa]).

Em vista da indefinição das consoantes (com resultados vizinhos de .50) decidimos recodificá-las em traços fônicos, utilizando-nos da tipologia de Chomsky & Halle (1968).

Revelaram-se relevantes dois traços relacionados a regiões do espaço fonológico envolvidas na produção de vibrantes: [+Alto] e [+Retraído] ; [+Alto] .81; [-Alto] .39; [+Retraído] .44; [-Retraído] .56.

Parece natural que segmentos altos em seguimento direto a uma vibrante causem a sua permanência, por uma espécie de agasalho de assimilação: pois se a vibrante carioca se aproxima mais de um Ichlaut do que Achlaut, e se as altas configuram exatamente a primeira posição, nada mais natural do que um "conluio" preservador. É a mesma lógica que justifica a força negativa ligada a [+Retraído] : quando as consoantes do contexto seguinte forem retraídas /k, g/, a distância entre elas e o ponto (região) de realização da vibrante tende a atuar como desassimiladora, donde seu papel inibidor.

Quanto aos fatores extralingüísticos, sexo revelou-se neutro nos alfabetizandos e mostrou leve tendência à preservação da vibrante nos universitários masculinos (.53), em oposição às universitárias (.47). Entretanto, conforme têm evidenciado nossas observações empíricas (cf. Naro, 1978), uma distância de apenas .05 poderia ser considerada como índice de neutralização,

ou, no máximo, como pouco significativa.

Quanto à idade, os novos mostraram o mesmo grau ínfimo de superioridade em relação aos velhos (.53 vs .47). A ser levado a sério, o índice está revelando uma tendência leve em recuperar-se a vibrante final, talvez decorrente do movimento geral de escolarização dos alfabetizandos, como reflexos mais imediatos e profundos nos jovens do que nos velhos.

A variável escolaridade, que deve ser tomada mais como um sintoma do que como uma causa propriamente dita, é pacífica e plausível: os universitários tendem à preservação da vibrante final, enquanto os alfabetizandos tendem à sua supressão: universitários: .64; alfabetizandos: .35.

Concluindo, podemos dizer que parece estarmos diante de um fenômeno no órdo de variação "estável", isto é, um processo relativamente lento, mas não tão lento a ponto de se constituir numa deriva clássica; o condicionamento mais forte é de natureza morfossintática, ligada a aspectos de redundância no nível léxico e no nível do discurso; o contexto fonológico seguinte também desempenha um papel razoável como controlador de variabilidade; as variáveis extralingüísticas são as menos poderosas, com exceção da variável escolaridade, o que não constitui surpresa.

Em vista dos resultados da análise acima cabe uma atenção especial na retenção de -r no processo de alfabetização; por um lado, o fato de a taxa global de preservação ser baixa já é um dado significativo: as pessoas não teriam porque escrever algo que (quase) não pronunciam; e que quase não percebem. Por outro lado, num programa mais sofisticado de alfabetização de ve-se prestar mais atenção nas formas verbais, com ênfase nas infinitivas, em que a tendência à supressão de -r próxima do nível categórico.

A preservação da vibrante não-final

Descobrimos muito cedo que a vibrante não-final apresentava um comportamento distinto da vibrante final em termos dos fatores que inibiam ou favoreciam a sua preservação. Constatamos, também, em termos empíricos, que o travamento por vibrante não-final (-r-) é muito menos freqüente do que o travamento por vibrante final; por fim, deparamo-nos com um índice quase categórico de preservação da vibrante não-final nos alfabetizandos (95.9); nos universitários a regra é categórica de preservação, razão por que só aparecem os dados de alfabetizandos.

O quadro geral de preservação de -r- é o seguinte:

	Freqüência	Porcentagem	Input
Alfabetizandos	3558/3709	95.93%	.98
Universitários	----	100.00	1.00

Trabalhamos com quatro grupos de fatores lingüísticos: Dimensão do Vocábulo, Classe Morfológica, Contexto Fonológico Seguinte e Prosódia do

grupo de força. O Contexto Fonológico Seguinte teve os segmentos consonantais convertidos nos seguintes traços binários: [+Alto], [-Retraído], [+Coronal], [+Nasal].

Além das variáveis lingüísticas testamos duas variáveis extralingüísticas: Sexo e Idade.

A distribuição das freqüências e probabilidades de preservação de -r- pelas diversas variáveis é a seguinte:

Variáveis	Freqüência	Probabilidade	Exemplo
Variável Nº de Sílabas			
Dissílabo	96.7%	.55	arma
Trissílabo	95.2%	.53	árvore
Polissílabo	95.0%	.42	hortaliça
Variável Contexto Fonológico Seguinte			
[+Alto]	94.4%	.39	marcha
[-Alto]	96.1%	.61	marca
[+Retraído]	95.3%	.70	marca
[-Retraído]	96.1%	.30	cerveja
[+Coronal]	96.4%	.62	certeza
[-Coronal]	94.94%	.38	arpoador
[+Nasal]	97.6%	.67	arma
[-Nasal]	95.5%	.33	arte

Variáveis	Freqüência	Probabilidade	Exemplo
Variável Prosódia do grupo de força			
Sílabo tônica	95.1%	.39	carne
Sílabo pré-tônica	94.7%	.42	carneiro
Sílabo bi-pré-tônica	94.8%	.44	carneirinho
Sílabo tri-pré-tônica	98.5%	.74	carpintaria
Variável Sexo			
[+Macho]	94.7%	.42	
[-Macho]	97.3%	.58	
Variável Idade			
[+Velho]	96.9%	.55	
[-Velho]	94.8%	.45	

Os resultados atribuídos pelo modelo logístico às variáveis relevantes da retenção de vibrante não-final não são pacíficos, ou, pelo menos, não parecem tão naturais como poderíamos imaginar.

No momento não temos explicação muito plausível para as probabilidades associadas a alguns grupos de fatores.

Quanto à variável número de sílabas não há propriamente surpresa, e sim uma pequena informação: o grupo é quase irrelevante, com pequena margem favorecedora para dissílabos o que corrobora o princípio da saliência fônica. É possível que haja uma interação dos fatores dessa variável com os da variável prosódia do grupo de força, uma vez que os vocábulos em que o -r- ocorre numa sílaba "bi-pré-tônica" (carneirinho) e "tri-pré-tônica" (carpintaria) têm, pelo menos, três sílabas, ou mais, e levando-se conta que no caso das tri-pré-tônicas a probabilidade de retenção da vibrante é significativamente alta.

Permanece inexplicável o jogo das probabilidades no caso da classe morfológica (se bem que também aqui estejamos lidando com um grupo pouco representativo em termos de polarização dos fatores).

Adjetivo figura como fator solitário, retentor da vibrante não-final, enquanto verbo e substantivo se aproximam perigosamente, sugerindo um análgama não justificável em termos sintático-semânticos.

A variável contexto fonológico seguinte também apresenta resultados parcialmente imprevisíveis: enquanto se esperaria que segmentos altos pudessem favorecer a manifestação da vibrante não-final, é o contrário que evidenciam os números associados aos traços fônicos. Ao assumirmos a hipótese de que a semelhança da vibrante final, também a vibrante intermediária é um segmento [+Alto] estaríamos diante de um processo de dissimilação de altura, portanto oposto ao processo de assimilação que dissemos verificar-se no caso da vibrante final, também a vibrante intermediária é um segmento [+Alto] estaríamos diante de um processo de dissimilação de altura, portanto oposto ao processo de assimilação que dissemos verificar-se no caso da vibrante final. A mesma oposição se manifesta com a dupla de traços [+Retraído]; entretanto os resultados de [-Retraído] são consistentes com os resultados de [+Alto] porque os segmentos altos inibem a presença de -r-, parece natural que segmentos +Retraído e, por conseguinte, [+Alto] favoreçam sua manifestação na estrutura superficial do vocábulo.

Outra dupla de traços referente ao espaço fonológico é a de [±Corona]. Os resultados associados a essa dupla poderiam sugerir uma mudança na interpretação do ponto de articulação de -r-: é possível que ele se caracteriza mais propriamente como [+Corona] e [-Alto] do que como [+Alto]; a ser assim, todos os resultados passam a adquirir um sentido muito mais natural: pois a presença de [+Corona] no contexto seguinte é fortemente favorecedora à presença de -r-.

O grupo [+Nasal] é bem polarizado, e sugere algum tipo de relação entre o redimensionamento do espaço fonológico pelo movimento do vélico para a produção das nasais e a pré-distribuição desse espaço em que se dá a realização da vibrante.

De qualquer forma, é impressionante o fato de os grupos de traços binários aqui referidos, embora sem explicação natural transparente, mostrarem polarização acentuada; cremos que deve haver princípios subjacentes a esta polarização, que por enquanto não conseguimos apreender. Em parte a dificuldade de depressão desses princípios deve estar relacionada com o grau quase categórico de manifestação de -r- (observe-se que nenhum fator apresenta percentagem inferior a 94% de manutenção da vibrante).

As variáveis extralingüísticas, enquadradas na expectativa geral, são muito menos poderosas do que as variáveis lingüísticas, aproximando-se mesmo da zona de indiferença, como é o caso da variável sexo; a variável idade é menos neutra, com leve vantagem para os velhos na taxa de preservação da vibrante intermediária.

O fato de a regra de preservação de -r- ser categórica nos universitários, e de seus escores serem muito altos em termos de frequência relativa nos alfabetizandos nos leva a crer que este não é um problema sociolingüístico de relevância especial para a ação pedagógica, embora ela se constitua num desafio às alternativas de interpretação lingüística sobre o comportamento das variáveis. Uma possível saída para o aparente impasse face aos fatos poderia ser a de estarmos diante de uma regra que ainda não definiu claramente suas tendências em termos naturais: as regras estão aí, são variáveis, mas não há propriamente explicação para os fatos: estaríamos presenciando um tipo especial de difusão fonológica em curso, em que os alfabetizandos são os líderes do movimento, mas em que o grau de supressão de -r-, não deve influir no processo de aquisição da escrita.

A preservação da nasal final

Os informantes são os mesmos de vibrante final e intermediária. Os dados totalizam 17.689, com 11.080 para os alfabetizandos e com 1.809 para os universitários.

O quadro geral de preservação de -m é o seguinte:

Informantes	Freqüência	Porcentagem	Input
Alfabetizandos	7988/11080	72.08%	.46
Universitários	1068/1809	59.04%	.70

Cumpre destacar um fato curioso: por causa do comportamento inesperado dos alfabetizandos em relação aos monossílabos, e à alta freqüência de ocorrência de num (variante de não) em sua fala, a taxa de preservação nasal é mais alta nos alfabetizandos do que nos universitários; entretanto, a probabilidade é muito mais alta nos universitários.⁸

Os testes nos levaram a selecionar como relevantes seis variáveis lingüísticas: Classe Morfológica, Número de sílabas do vocábulo, Tonicidade da sílaba travada, Vogal simultânea à nasalidade, Contexto Precedente e Contexto Seguinte. Sexo, idade e escolaridade foram as variáveis extralingüísticas avaliadas.

A distribuição das probabilidades e percentagens pelas diversas variáveis é a seguinte:

Variáveis	Alfabetizandos		Universitários		Exemplo
	Freq.	Prob.	Freq.	Prob.	
Variável Classe Morfológica					
Substantivo	72.0%	.68	69.6%	.49	homen
Verbo Pretérito	29.4%	.57	57.7%	.50	jogaram
Advérbio	82.6%	.41	56.3%	.45	sim, num, ontem
Verbo não-pret.	20.5%	.38	56.0%	.56	jogam
Variável Número de Sílabas					
Monossílabo	82.7%	.69	51.3%	.78	sim
Dissílabo	65.2%	.46	75.6%	.62	vivem
Polissílabo	25.8%	.35	56.9%	.61	convivem
Variável Tonicidade					
Tônico	84.5%	.87	59.0%	.7%	assin
Átono	21.3%	.13	59.1%	.25	joven
Variável Vogal Simultânea					
Vogal [-Alto]	64.7%	.58	80.2%	.65	jogam
Vogal [+Alto]	73.9%	.42	55.8%	.35	diziam
Variável Contexto Precedente					
Cons. [-Alto]	72.8%	.68	58.5%	.65	falam
Cons. [+Alto]	52.3%	.32	65.8%	.35	facham
Cons. [+Retraído]	81.1%	.68	87.9%	.66	pegam
Cons. [-Retraído]	71.6%	.34	87.9%	.34	vivem

Cons. [-Nasal]	52.6%	.72	59.7%	.62	falam
Cons. [+Nasal]	78.3%	.28	50.5%	.38	saam
Variável Contexto Seguinte					
Consoante	74.6%	.55	54.4%	.58	falam coi sas
Pausa	76.3%	.53	76.1%	.62	falam
Vogel	81.8%	.42	41.1%	.31	falam is- so
Variável Idade					
Velhos	73.7%	.57	todos são novos		
Jovens	69.1%	.43			
Variável Sexo					
[+Macho]	72.7%	.50	56.4%	.46	
[-Macho]	71.6%	.50	61.3%	.54	
Variável Escolaridade	72.1%	.46	58.9	.69	

Embora disponhamos de resultados referentes aos universitários e aos alfabetizados, vamos centrar-nos nos últimos, na interpretação dos valores associados às variáveis lingüísticas.

Quanto à variável Classe Morfológica, constatamos que os itens lexicais portadores de informação morfológica e os itens monomorfêmicos pertencem, na verdade, a duas categorias distintas: há formas léxicas puras, como substantivos e advérbios, e formas léxico-gramaticais conjugadas, como verbos pretéritos e verbos não-pretéritos.

A confirmar-se a tendência de itens monomorfêmicos preservarem a nasalidade, Substantivos e Advérbios deveriam situar-se próximos, o que não ocorreu. Em relação às duas manifestações de verbos manteve-se a expectativa, que era a de retenção nasal final em itens mórficos específicos (co mo -ram), em oposição aos casos em que a maior probabilidade de ocorrer apenas -m (ou -m acompanhado pela alternância -a/ -um, im). Estaria sendo confirmada sendo confirmada a hipótese de segmentos fônicos com função mórfica específica tenderem ao cancelamento, enquanto seriam mais estáveis os segmentos fônicos integrantes de entidades mórficas maiores, monomorfêmicas, como é o caso de Pretérito, que é parte de -ram, -rum, em chegarem, chegarum, e de Substantivo, que é parte de viagem, alguém.

Em vista de verbo não-pretérito não constituir uma classe natural, e em vista da difusão lexical nos Advérbios, os resultados da variável Classe Morfológica confirmam Cedergren (1974) sobre a espirantização de -r, no espanhol do Panamá, e divergem de Labov (1973) sobre a preservação de -r.

e -d em formas com alternância do tipo bold > bol, find > fin. O estudo de Labov mostrou que tendem a preservar-se as formas que t e d desempenham função mórfrica específica (past tense), e tendem a desaparecer o t e o d de formas monomorfêmicas. Logo, a coisa é mais complicada do que poderia parecer à primeira vista: determinado segmento fônico só tende a desaparecer se, além de morficamente pleno, for redundante; caso contrário ele tende a manter-se, sob pena de verificar-se uma falha na comunicação.⁵

A variável número de sílabas mostra que quanto menor for o vocábulo maior é a probabilidade de -m se conservar. Parece natural que a taxa de informação associada a -m nos monossílabos seja maior do que a que se verifica nos não-monossílabos: o fenômeno de maior retenção de nasal nos monossílabos já se verifica no Latim (cf. Chen, 1975). O princípio da saliência fônica (cf. Naro e Lemle, 1976 e Scharre, 1978) dá conta do privilégio dos monossílabos: quanto menos for o vocábulo, mais saliente será a nasalidade, com menor probabilidade de seu desaparecimento.

A variável tonicidade é novo suporte para a validade do princípio da saliência fônica (segmental e supra-segmental); nos termos de Naro, co mo condicionador da variabilidade das formas lingüísticas e do grau de resistência à mudança; e, por conseguinte, como ponto de referência para qualquer medida pedagógica que vise a propiciar o domínio categórico da regra.

A variável vogal simultânea comprova no português um princípio bastante comum em outras línguas: as vogais altas /i,u/ não se mostraram propensas a concorrer com a nasal final. E esta tendência é comum a alfabetizados e universitários. Os estudos de Chen e Wang (1975) mostraram que no processo de nasalização as últimas vogais a serem atingidas são as altas; por outro lado, no processo de desnasalização elas são as primeiras a suprimir-se. O fator físico inerente ao processo é o grau de elevação do palato mole durante a formação da vogal: quanto mais baixa for a vogal, maior será o grau de abertura, e em seqüência maior será a "naturalidade" da nasalização.

A variável contexto fonológico precedente está constituída por três pares de traços binários: [+Alto], [+Retraído] e [+Nasal]. Todos os pares mostram polarização bem acentuada; funcionam como favorecedores da presença da nasalidade os traços [-Alto], [+Retraído] e [-Nasal]. O fato de [+Retraído] e [-Alto] favorecerem a manifestação da nasalidade é consistente com o fato de as vogais simultâneas não-altas favorecerem a presença da nasalidade. Poderíamos falar numa situação otimizada por excelência, que seria a da consoante [-Alta] e [+Retraída] no contexto precedente, a vogal simultânea [-Alta]. Quanto ao papel inibidor de [+Nasal] no contexto precedente a única explicação que nos ocorre é um processo de dissimilação da nasalidade, aliada ao fato de normalmente a disseminação da nasalidade se verificar da direita para a esquerda e não vice-versa.

Quanto ao contexto fonológico seguinte a -m o fato mais digno de nota é o estreito paralelismo com o que se verifica no processo de preser-

vação de -r: a dupla consoante - pausa favorece a presença de -m (os resultados, aliás, nos aconselhariam antes a amalgamar esses dois fatores, e não deixá-los separados), enquanto vogal, contrária à expectativa de abertura de sílaba, é fator contrário à sua presença. Ao falar da vibrante f final já nos referimos às similaridades verificadas entre pausa e as consoantes "puras", em termos de identidade de alguns traços fônicos.

Entre as variáveis extralingüísticas a escolaridade é também aqui a mais representativa, com distância de .23 entre os universitários e os alfabetizados. Sexo mantém-se neutro nos alfabetizados, mas as mulheres universitárias são levemente mais conservadoras de -m do que os homens. Quanto à idade, os velhos são mais conservadores de -m, com .14 acima dos alfabetizados jovens.

Observando-se em seu conjunto o comportamento dos alfabetizados e dos universitários podemos dizer que no geral estamos diante de uma mesma gramática dialetal para a comunidade de fala do Rio de Janeiro, com percentagens distintas para cada grupo, mas com probabilidades paralelas, na maioria dos casos. Os itens de maior discrepância, como número de sílabas, poderiam ser ponto de referência para medidas de "elevação" da taxa de -m na fala (ou seu controle na escrita).

É nessa linha que deveria desenvolver-se a relaxação pedagógica: decidir sobre se o ponto de partida para uma estratégia de aquisição da norma urbana culta (admitindo que a fala dos universitários está mais próxima dessa norma do que a fala dos alfabetizados) deve situar-se no extremo superior ou inferior da escala de discrepância fonológica entre os dois segmentos da comunidade de fala. Assumindo a primeira hipótese, deveriam ser alvo especial de atenção aspectos como: presença de -m em sílabas átonas: viagem, vase; em formas verbais do tipo jogam; formas polissílabas do tipo camaradagem.

Preservação do ditongo decrescente

A massa de dados para o estudo dos ditongos foi coletada por questionários específicos, em que nas respostas deveriam constar vocábulos do tipo louco, doutor, loira, azeite, etc. Em vista de algumas falhas na coleta, só constam alguns tipos de contexto fonológico seguinte: os que nos pareciam mais importantes; outra característica do database desta parte do trabalho é a de as respostas não terem sido gravadas; procurava-se prestar a máxima atenção à resposta e se anotava apenas a realização do ditongo; é possível que nem sempre se tenha conseguido o grau desejado de imparcialidade, por incidirmos, inconscientemente, na tentação de transcrever o que "gostaríamos" de ouvir. Apesar dessas limitações cremos que os resultados conseguidos podem servir como ponto de partida para uma reflexão inicial. Portanto, tudo que apresentarmos aqui deve ser interpretado como hipóteses iniciais.

As variáveis lingüísticas são a Vogal do ditongo, a Semivogal do ditongo, a Tonicidade e o Contexto Fonológico seguinte. As variáveis extra

lingüísticas são Escolaridade/Profissão dos Informantes e Sexo. Ao todo são 98 informantes, 71 mulheres e 27 homens. Quanto à classe-profissão, temos 29 docentes de 1ª série do 1º grau de instrução (analfabetos e/ou alfabetizados).

A distribuição das probabilidades e percentagens de preservação do ditongo pelas diversas variáveis é a seguinte:

Ao todo contávamos com 2.842 vocábulos e tivemos 1268 retenções do ditongo, o que corresponde a 44.6% de preservação.

A distribuição das probabilidades e percentagens de preservação do ditongo é a seguinte:

Variáveis	Freqüência	Probabilidade	Exemplo
Variável vogal do ditongo			
E	.46.81%	.55	leite
A	.40.3%	.52	baixo
O	.41.8%	.43	outro
Variável semivogal do ditongo			
Y	.46.2%	.51	caixa
W	.41.8%	.49	louco
Variável Tonicidade			
Tônico	.44.6%	.51	feixe
Átono	.45.7%	.49	feixinho
Variável Contexto Seguinte			
T	.63.8%	.70	leite
C	.473%	.61	pouca
G	.48.9%	.51	manteiga
X	.39.8%	.43	ameixa
J	.39.0%	.39	beijo
R	.31.4%	.34	beira
Variável Sexo			
+Macho	.49.5%	.54	-
-Macho	.43.1%	.46	-
Variável escolaridade-profissão			
Docente (1ª série)	.63.06%	.69	-
Universitário	.45.6%	.49	-
Analfabeto	.28.8	.32	-

Como se pode depreender à primeira análise da tabela anterior, as variáveis mais poderosas deste estudo piloto não são as variáveis lingüísticas (excetuando o contexto seguinte) e sim as variáveis extralingüísticas.

Quanto às variáveis lingüísticas, são pouco relevante a Vogal do ditongo, bem como a semivogal. Além disso, o grupo de fatores constituído pelas semivogais não tem suporte empírico, uma vez que todos os casos em que ocorreu a semivogal /w/, ela estava precedida de /o/; em vista desta limitação os resultados seriam mais naturais com a supressão da variável semivogal e com a remoção de O do grupo vogal do ditongo. A própria variável tonicidade, que imaginávamos muito poderosa, mostrou-se praticamente nula em seus efeitos, embora não tenha invertido a tendência (a expectativa era a de que tônicas fossem francamente favoráveis à manifestação plena dos ditongos, em vista da posição ótima para a realização da vogal base).

O contexto fonológico seguinte deixou patente o papel preservador da integridade dos ditongos nos segmentos -Contínuo (/k,g,t/), em oposição aos [+Contínuos] e líquido (/s,a,r/), que não são propícios à ocorrência de semivogal.

A variável Sexo ratifica o que vem sendo um lugar comum: mulheres estão levemente mais próximas do uso esperado de regras categóricas do que os homens.

Nossa variável mais importante é precisamente a variável escolaridade/profissão. Constatamos que os docentes de 1ª série do 1º grau contribuem com .69 para a aplicação da regra de preservação da semivogal do ditongo, sendo seguidos pelos universitários (.49), só ficando para os alfabetizandos (analfabetos) a diminuta taxa de 28.00%.

A hipótese que queríamos testar era a de uma possível interferência dos hábitos docentes (de fala) da professora primária (de 1ª série) em seu comportamento fonético. Certamente deverá haver outras razões suplementares, mas podemos inferir da falácia da pronúncia alfabética grande parte da preservação dos ditongos, com taxa superior aos próprios universitários.

Os analfabetos, por sua vez, confirmam a hipótese bastante geral de uma tendência à redução dos ditongos, tanto os decrescentes (aqui abordados em caráter tentativo) como os crescentes (série > séri; sério > séru), não estudados aqui.

Emerge por um lado, a necessidade de se conscientizarem os docentes da falácia de uma pronúncia que deve representar estágio arcaico de nossa língua, motivada apenas em razões visuais de retenção de uma forma fonética que parece tender irreversivelmente à supressão em certos contextos. Por outro lado, enfatiza-se a necessidade de conscientizar o alfabetizando de que muitas letras que ele escreve podem não ter correspondência com sua fala espontânea - são representações de uma língua que quase ninguém fala, mas é imperioso escrever.

Notas

- 1 - Para uma análise sociolingüística do discurso infantil - MEC-INEP/1979.
- 2 - Há novos refinamentos do instrumental de análise eletrônica: o programa VERO, além de apresentar o grau de VEROSSIMILHANÇA, hierarquiza os grupos de fatores em termos de significância estatística.
- 3 - Para mais detalhes sobre consciência do fenômeno entre filólogos e gramáticos em vibrantes e nasais finais, veja Votre, 1978.
- 4 - O quadro de distribuição das frequências nos alfabetizandos e universitários é o seguinte (cf. Votre, 1978):

	sim	num	nom	ben
alfabetizandos	104=95.4% 109	4431=79.6% 5589	498=99.4% 499	104=99.1% 105
universitários	28=96.3% 29	483=50.0% 966		

Por conseguinte, é na difusão lexical verificada em num que se radica a superioridade aparente de manutenção de -m dos alfabetizandos.

- 5 - Um refinamento da variável Classe Morfológica está em curso, com vistas a separar os subgrupos de graus distintos de saliência fônica.

- CEDERGREN, Henrietta. Interplay of social and linguistic factors in Panama. Universidade de Cornell, 1973. Tese de Doutorado.
- _____. & SANKOFF, David. Variable Rules: performance as a statistical reflection of competence. Language (50): 333-55, 1974.
- CHEN, Matthew & WANG, William S. Y. Sound Change: actuation and implementation. Language (51): 255-81, 1975.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. The sound pattern English. New York, Harper & Row, 1968.
- LABOV, William. Contraction deletion and inherent variability of the English copula. Language in the Inner city. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Where do grammars stop? In: SHUY, R. Proceedings of the 23rd Annual Round Table on languages and linguistics. Washington, University Press, 1972.
- _____. Sociolinguistics Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1973.
- _____. On the use of present to explain the past. In: _____. Linguistics at the crossroads. (s.l.) Liviana Editrice, Jupiter Press, 1977.
- LEMLE, Miriam & NARO, Anthony J. Competências básicas do Português. Rio de Janeiro, MOBRAL, 1976.
- NARO, Anthony J. The SWAMING program. Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Letras, 1974. mimeo.
- _____. The social and structural dimensions of a syntactic change. Rio de Janeiro, PUC, 1978. mimeo.
- SANKOFF, David. VARSBRUL?. Montreal, Université de Montreal, Centre de Recherches Mathématiques, 1975. mimeo.
- _____. et alii. Semantic field variability. Montreal, Université de Montreal, Centre des Recherches Mathématiques, 1975. mimeo.
- _____. & CEDERGREN, H. The dimensionality of grammatical variation. Language, 52 (1): 162-78, 1976.
- _____. & LABOV, W. On the uses of variables rules. Montreal, Université de Montreal, Centre des Recherches Mathématiques, 1978. mimeo.
- _____. Linguistic Variation: Models and methods. New York, Academic Press, 1978.
- SANKOFF, Gillian. A quantitative paradigm for the study of communicative competence: Exploration in the ethnography of speaking. Cambridge, University Press, 1975.
- SCHERRE, Maria M. P. A regra de concordância de número no sintagma nominal em Português. Rio de Janeiro, PUC, 1978. Dissertação de Mestrado.
- SHUY, Roger et alii. Field techniques in a urban language study. Washington, Center for Applied Linguistics, 1968.
- VOTRE, Sebastião J. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PUC, 1978. Tese de Doutorado.
- _____. Relatório sobre o léxico das crianças em idade de alfabetização da cidade do Rio de Janeiro e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Rio de Janeiro, Universidade Casa Filho, INEP, 1979.